

V

A PREGAÇÃO DE ESTEVAM

Saulo e Sadoc entraram na igreja humilde de Jerusalém, notando a massa compacta de pobres e miseráveis que ali se aglomeravam, com um raio de esperança nos olhos tristes.

O pavilhão singelo, construído á custa de tantos sacrifícios, não passava de grande telheiro revestido de paredes frágeis, carente de todo e qualquer conforto.

Tiago, Pedro e João surpreenderam-se singularmente com a presença do j6vem doutor da lei, que se popularizara na cidade pela sua oratoria veemente e pelo acurado conhecimento das Escrituras.

Os generosos galileus ofereceram-lhe o banco mais confortavel. Ele aceitou as gentilezas que lhe dispensavam, sorrindo com indistincta ironia de tudo que ali se lhe deparava. Intimamente, considerava que o proprio Sadoc f6ra v6tima de falsas apreciações. Que podiam fazer aqueles homens ignorantes, irmanados a outros já envelhecidos, valetudinarios e doentes? Que podiam significar de perigoso para a Lei de Israel aquelas criancas ao abandono, aquelas mulheres semi-mortas, em cujo coração pareciam aniquiladas todas as esperanças? Experimentava um grande mal-estar defrontando tantos rostos que a lepra havia devastado, que as úlceras malignas haviam desfigurado impiedosamente. Aqui, um velhote com chagas purulentas envolvidas em panos f6tidos; além, um aleijado mal coberto de molambos,

ao lado de orfãos andrajosos que se acomodavam com humildade.

O conhecido doutor da lei notou a presença de várias pessoas que lhe acompanhavam a palavra na interpretação dos textos de Moisés, na Sinagoga dos Cilícios; outras que seguiam de perto as suas atitudes no Sinédrio, onde a sua intelligencia era tida como penhor de esperança racial. Pelo olhar, compreendeu que esses amigos ali estavam igualmente pela primeira vez. Sua visita ao templo ignorado dos galileus sem nome, atraíra muitos afeiçoados do farisaismo dominante, ansiosos pelos serviços eventuais que pudessem destaca-los e recomenda-los ás autoridades mais importantes. Saulo concluiu que aquela fração do auditorio fazia ato de presença e de solidariedade em qualquer providencia que houvesse de tomar. Pareceu-lhe natural e lógica aquela attitude, convinavel aos fins que se propunha. Não se contavam fatos incríveis, operados pelos adeptos do "Caminho"? Não seriam grosseiras e escandalosas mistificações? Quem diria que tudo aquilo não f6sse o produto ignobil de bruxarias e sortilégios condenaveis? Na hipótese de lhes identificar qualquer finalidade deshonesta, podia contar, mesmo ali, com grande número de correligionarios, dispostos a defender o rigoroso cumprimento da Lei, custasse-lhes embora o mais pesados sacrifícios.

Anotando um que outro quadro menos grato ao seu olhar acostumado aos ambientes de luxo, evitava fixar os aleijados e doentes que se acotovelavam no recinto, chamando a atenção de Sadoc, com observações ironicas e pitorescas. Quando o vasto recinto desnudo de ornatos e simbolos de qualquer natureza, de todo se encheu, um j6vem permeou as filas extensas, ladeado de Pedro e João, galgando os três um estrado quasi natural, formado de pedras superpostas.

— Estevam!... E' Estevam!...

Vozes abafadas inculcavam o prégador, enquanto seus admiradores mais fervorosos apontavam para ele com jubiloso sorriso.

Inesperado silencio mantinha todas as frentes em

singulares expectativas. O moço, magro e pálido, em cuja assistência os mais infelizes julgavam encontrar um desdobramento do amor de Cristo, orou em voz alta suplicando para si e para a assembléa a inspiração do Todo-Poderoso. Em seguida, abriu um livro em fórma de rôlo e leu uma passagem das anotações de Mateus: — "Mas, ide antes ás ovelhas perdidas da casa de Israel; e, indo, pregai dizendo: é chegado o reino de Deus" (1).

Estevam ergueu alto os olhos serenos e fulgurantes, e, sem se perturbar com a presença de Saulo e dos seus numerosos amigos, começou a falar mais ou menos nestes termos, com voz clara e vibrante:

— "Meus caros, eis que chegados são os tempos em que o Pastor vem reunir as ovelhas em tórno do seu zêlo sem limites. Eramos escravos das imposições pelos raciocínios, mas hoje somos livres pelo Evangelho do Cristo Jesus. Nossa raça guardou, de épocas imemoriais, a luz do Tabernáculo e Deus nos enviou seu Filho sem mácula. Onde estão, em Israel, os que ainda não ouviram as mensagens da Boa Nova? Onde os que ainda não se felicitaram com as alegrias da nova fé? Deus enviou sua resposta divina aos nossos anseios milenários, a revelação dos céus aclara os nossos caminhos. Consoante as promessas da profecia de todos quantos choraram e sofreram por amor ao Eterno, o Emissário Divino veiu até o antro de nossas dores amargas e justas, para iluminar a noite de nossas almas impenitentes, para que se nos desdobrassem os horizontes da redenção. O Messias atendeu aos problemas angustiosos da criatura humana, com a solução do amor que redime todos os sêres e purifica todos os pecados. Mestre do trabalho e da perfeita alegria da vida, suas benções representam nossa herança. Moisés foi a porta, Cristo é a chave. Com a corôa do martírio adquiriu, para nós outros, a laurea imortal da salvação. Eramos cativos do êrro, mas seu sangue nos libertou. Na vida e na

(1) Mateus, 10: 6-7. — (Nota de Emmanuel).

morte, nas alegrias de Caná, como nas angústias do Calvário, pelo que fez e por tudo que deixou de fazer em sua gloriosa passagem pela Terra, Ele é o Filho de Deus, iluminando o caminho.

"Acima de todas as cogitações humanas, fóra de todos os atritos das ambições terrestres, seu reino de paz e luz esplende na consciencia das almas redimidas.

"O' Israel! tú que esperaste tantos séculos, tuas angústias e dolorosas experiencias não foram vãs!... Enquanto outros povos se debatiam nos interesses inferiores, cercando os falsos ídolos de falsa adoração e promovendo, simultaneamente, as guerras de extermínio com requintes de perversidade, tú, Israel, esperaste o Deus justo. Carregaste os grilhões da impiedade humana, na desolação e no deserto; converteste em canticos de esperança as ignominias do cativo; sofreste o opróbrio dos poderosos da Terra; viste os teus varões e as tuas mulheres, os teus jôvens e as tuas crianças exterminados sob o guante das perseguições, mas nunca descreste da justiça dos céus! Como o Salmista, afirmaste com teu heroísmo que o amor e a misericórdia vibram em todos os teus dias! Choraste no caminho longo dos séculos, com as tuas amarguras e feridas. Como Jó, viveste da tua fé, subjugada pelas algemas do mundo, mas já recebeste o sagrado depósito de Jeová — O Deus Unico!... O' esperanças eternas de Jerusalém, cantai de júbilo, regosijai-vos, embora não tivéssemos sido fiéis inteiramente á compreensão, por conduzir o Cordeiro Amado aos braços da cruz. Suas chagas, todavia, nos compraram para o céu, com o alto preço do sacrificio supremo!...

"Isaias o contemplou, vergado ao pêso de nossas iniquidades, florecendo na aridez dos nossos corações, qual flor do céu num sólo adusto, mas, revelou também, que, desde a hora da sua extrema renúncia na morte infamante, a sagrada causa divina prosperaria para sempre, em suas mãos.

"Amados, onde andarão aquelas ovelhas que não souberam ou não puderam esperar? Procuremo-las para Cristo, como dráquimas perdidas do seu desvelado amor!

Anunciemos a todos os desesperançados as glórias e júbilos do seu reino de paz e amor imortal!...

"A Lei nos retinha no espírito de nação, sem conseguir apagar de nossa alma o desejo humano de supremacia na Terra. Muitos de nossa raça não esperaram um príncipe dominador, que penetrasse em triunfo a cidade santa, com os troféus sangrentos de uma batalha de ruína e morte; que nos fizesse empunhar um cetro odioso de força e tirania. Mas Cristo nos libertou para sempre. Filho de Deus e emissário da sua glória, seu maior mandamento confirma Moisés, quando recomenda o amor a Deus acima de todas as cousas, de todo coração e entendimento, acrescentando, no mais formoso decreto divino, que nos amemos uns aos outros, como Ele próprio nos amou.

"Seu reino é o da consciência reta e do coração purificado ao serviço de Deus. Suas portas constituem o maravilhoso caminho da redenção espiritual, abertas de par em par aos filhos de todas as nações.

"Seus discípulos amados virão de todos os quadrantes. Fóra de suas luzes haverá sempre tempestade para o viajor vacilante da Terra que, sem Cristo, cairá vencido nas batalhas infrutuosas e destruidoras das melhores energias do coração. Somente o seu Evangelho confere paz e liberdade. E' o tesouro do mundo. Em sua glória sublime os justos encontrarão a coroa de triunfo, os infelizes o consólo, os tristes a fortaleza do bom animo, os pecadores a senda redentora dos resgates misericordiosos.

"E' verdade que o não havíamos compreendido. No grande testemunho, os homens não entenderam sua divina humildade e os mais afeiçoados o abandonaram. Suas chagas clamaram pela nossa indiferença criminosa. Ninguém poderá eximir-se dessa culpa, visto sermos todos herdeiros das suas dádivas celestiais. Onde todos gozam do benefício, ninguém pôde fugir á responsabilidade. Essa a razão porque respondemos pelo crime do Calvário. Mas, suas feridas foram a nossa luz, seus martírios o mais ardente apêlo de amor, seu exemplo o roteiro aberto para o bem sublime e imortal.

"Vinde, pois, comungar conosco á mesa do banquete divino! Não mais as festas do pão putrescível, mas o eterno alimento da alegria e da vida... Não mais o vinho que fermenta, mas o néctar confortante da alma, diluído nos perfumes do amor imortal.

"Cristo é a substancia da nossa liberdade. Dia virá em que o seu reino abranjerá os filhos do Oriente e do Ocidente, num amplexo de fraternidade e de luz. Então, compreenderemos que o Evangelho é a resposta de Deus aos nossos apelos, em face da Lei de Moisés. A Lei é humana; o Evangelho é divino. Moisés é o condutor; Cristo o Salvador. Os profetas foram mordomos fiéis; Jesus, porém, é o Senhor da Vinha. Com a Lei, eramos servos, com o Evangelho somos filhos livres de um Pai amoroso e justo!..."

Nesse interim, Estevam sustou a palavra que lhe fluia harmoniosa e vibrante dos lábios, inspirada nos mais puros sentimentos. Os ouvintes de todos os matizes, não conseguiam ocultar o assombro, ante os seus conceitos de vigorosas revelações. A multidão embevecera-se com os princípios expostos. Os mendigos, ali aglomerados, endereçavam ao prégador um sorriso de aprovação, bem significativo de jubilosas esperanças. João fixava nele os olhos enternecidos, identificando, mais uma vez, no seu verbo ardente, a mensagem evangélica interpretada por um discípulo dileto do Mestre inesquecível, nunca ausente dos que se reuniam em seu nome.

Saulo de Tarso, emotivo por temperamento, fundiase na onda de admiração geral; mas, altamente surpreendido, verificou a diferença entre a Lei e o Evangelho anunciado por aqueles homens estranhos, que a sua mentalidade não podia compreender. Analisou, de relance, o perigo que os novos ensinamentos acarretavam para o judaísmo dominante. Revoltava-se com a prédica ouvida, nada obstante a sua ressonancia de misteriosa beleza. Ao seu raciocínio, impunha-se eliminar a confusão que se esboçava, a propósito de Moisés. A Lei era uma e unica. Aquele Cristo que culminou na derrota, entre dois ladrões, surgia a seus olhos como um mistificador indigno de qualquer consideração. A

vitória de Estevam na consciência popular, qual a verificava naquele instante, causava-lhe indignação. Aquelles galileus poderiam ser piedosos, mas não deixavam de ser criminosos pela subversão dos princípios invioláveis da raça.

O orador preparava-se para retomar a palavra, momentaneamente interrompida e aguardada com expectação de júbilo geral, quando o jóvem doutor levantou-se ousadamente e exclamou, quasi colérico, frisando os conceitos com evidente ironia:

— "Piedosos galileus, onde o senso de vossas doutrinas estranhas e absurdas? Como ousais proclamar a falsa supremacia de um nazareno obscuro sobre Moisés, na propria Jerusalém onde se decidem os destinos das tribus de Israel invencível? Quem era esse Cristo? Não foi um simples carpinteiro?"

Ao orgulhoso entono da inesperada apóstrofe, houve no ambiente um tal ou qual retraimento de temor, mas, nos desvalidos da sorte para quem a mensagem do Cristo era o alimento supremo, houve para Estevam um olhar de defesa e jubiloso entusiasmo. Os Apóstolos da Galiléia não conseguiam dissimular seu receio. Tiago estava lívido. Os amigos de Saulo notaram-lhe a máscara escarvina. O prégador tambem empalidecera, mas revelava no olhar resolute o mesmo traço de imperturbavel serenidade. Fitando o doutor da lei, o primeiro homem da cidade que se atrevera a perturbar o esforço generoso do evangelismo, sem trair a seiva de amor que lhe desbordava do coração, fez ver a Saulo a sinceridade das suas palavras e a nobreza dos seus pensamentos. E antes que os companheiros voltassem a si da surpresa que os assomara, com admiravel presença de espirito, indiferente á impressão do temor coletivo, obtemperou:

— "Ainda bem que o Messias fôra carpinteiro: porque, nesse caso, a Humanidade já não ficaria sem abrigo. Ele era, de fato, o Abrigo da paz e da esperança! Nunca mais andaremos ao léu das tempestades nem na esteira dos raciocinios quiméricos de quantos vivem pelo cálculo, sem a claridade do sentimento."

A resposta concisa, desassomburada, desconcertou o futuro rabino, habituado a triunfar nas esferas mais cultas, em todas as justas da palavra. Enérgico, ruborizado, evidenciando cólera profunda, mordeu os láblos num gesto que lhe era peculiar e acrescentou com voz dominadora:

— "Onde iremos com semelhantes excessos de interpretação, em tórno de um misticador vulgar, que o Sinhédrio puniu com a flagelação e a morte? Que dizer de um Salvador que não conseguiu salvar-se a si mesmo? Emissário revestido de celestes poderes, como não evitou a humilhação da sentença infamante? O Deus dos exércitos, que sequestrou a nação privilegiada ao cativo, que a guiou através do deserto abrindo-lhe a passagem do mar; que lhe saciou a fome com o maná divino e, por amor, transformou a rocha impassível em fonte de agua-viva, não teria meios, outros, de assinalar o seu enviado senão com uma cruz de martírio, entre malfeteiros comuns? Tendes, nesta casa, a glória do Senhor Supremo, assim barateada? Todos os doutores do Templo conhecem a história do impostor que celebrizais com a simplicidade da vossa ignorancia! Não vacilais em rebaixar nossos propios valores, apresentando um Messias dilacerado e sangrento, sob os apupos do povo?!... Lançais vergonha sobre Israel e desejais fundar um novo reino? Seria justo dardes a conhecer, inteiramente, a nós outros, o móvel das vossas fábulas piedosas."

Estabelecida uma pausa na sua objulatória, o orador voltou a falar com dignidade:

— Amigo, bem se dizia que o Mestre chegaria ao mundo para confusão de muitos em Israel. Toda a história edificante do nosso povo é um documento da revelação de Deus. No entanto, não védes, nos efeitos maravilhosos com que a Providencia guiou as tribus hebréias, no passado, a manifestação do carinho extremo de um Pai desejoso de construir o futuro espiritual de crianças queridas do seu coração? Com o correr do tempo, observamos que a mentalidade infantil enseja mais vastos princípios educativos. O que ontem era

carinho, é hoje energia oriunda das grandes expressões amorosas da alma. O que era ontem bonança e verdor, para nutrição da sublime esperança, hoje pôde ser tempestade, para dar segurança e resistencia. Antigamente, eramos meninos no trato com a revelação; agora, porém, os varões e as mulheres de Israël atingiram a condição de adultos no conhecimento. O Filho de Deus trouxe a luz da verdade aos homens, ensinando-lhes a misteriosa beleza da vida, com o seu engrandecimento pela renúncia. Sua glória resumiu-se em amar-nos, como Deus nos ama. Por essa mesma razão, Ele ainda não foi compreendido. Acaso poderíamos aguardar um Salvador de acôrdo com os nossos propositos inferiores? Os profetas afirmam que as estradas de Deus podem não ser os caminhos que desejamos, e que os seus pensamentos nem sempre se poderão harmonizar com os nossos. Que dizermos de um Messias que empunhasse o cetro no mundo, disputando com os principes da iniquidade um galardão de triúmfos sangrentos? Porventura a Terra já não estará farta de batalhas e cadáveres? Perguntemos a um general romano quanto lhe custou o domínio da aldeia mais obscura; consultemos a lista negra dos triunfadores, segundo as nossas idéias erroneas da vida. Israël jamais poderia esperar um Messias a exhibir-se num carro de glórias magnificentes do plano material, suscetível de tombar no primeiro resvaladouro do caminho. Essas expressões transitórias pertencem ao cenário efêmero, no qual a púrpura mais fulgurante volta ao pó. Ao contrário de todos os que pretenderam ensinar a virtude, repousando na satisfação dos proprios sentidos, Jesus executou sua tarefa entre os mais simples ou mais desventurados, onde, muitas vezes, se encontram as manifestações do Pai, que educa, através da esperança insatisfeita e das dores que trabalham do berço ao tumulo, a existencia humana. Cristo edificou, entre nós, seu reino de amor e paz, sôbre alicerces divinos. Sua exemplificação está projetada na alma humana, como luz eterna! Quem de nós, então, compreendendo tudo isso, poderá identificar no Emissário de Deus um príncipe belicoso? Não! O Evan-

gelho é amor em sua expressão mais sublime. O Mestre deixou-se imolar transmitindo-nos o exemplo da redenção pelo amor mais puro. Pastor do imenso rebanho, Ele não quer se perca uma só de suas ovelhas bem amadas; nem determina a morte do pecador. Cristo é vida e a salvação que nos trouxe está na sagrada oportunidade da nossa elevação, como filhos de Deus, exercendo os seus gloriosos ensinamentos."

Depois de uma pausa, o doutor da lei já se erguia para revidar, quando Estevam continuou:

— "E agora, irmãos, peço venia para concluir minhas palavras. Se não vos falei como desejáveis, falei como o Evangelho nos aconselha, arguindo a mim proprio na intima condenação de meus grandes defeitos. Que a benção de Cristo seja com todos vós."

Antes que pudesse abandonar a tribuna, para confundir-se com a multidão, o futuro rabino levantou-se de chofre e observou enraivecido:

— Exijo a continuação da arenga! Que o prégador espere, pois não terminei o que preciso dizer.

Estevam replicou serenamente:

— Não poderei discutir.

— Por que? — perguntou Saulo irritadíssimo. — Estais intimado a prosseguir.

— Amigo — elucidou o interpelado calmamente — o Cristo aconselhou que devemos dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus. Se tendes alguma acusação legal contra mim, expõe-a sem receio e vos obedecerei; mas, no que pertence a Deus, só a Ele compete arguir-me.

Tão alto espírito de resolução e serenidade, quasi desconcertou o doutor do Sinhédrio; compreendendo, porém, que a impulsividade somente poderia prejudicar-lhe a clareza do pensamento, acrescentou mais calmo, a-pesar-do tom imperioso que deixava transparecer toda a sua energia:

— Mas eu preciso elucidar os erros desta casa. Necessito perguntar e haveis de responder-me.

— No tocante ao Evangelho — replicou Estevam — já vos ofereci os elementos de que podia dispôr,

esclarecendo o que tenho ao meu alcance. Quanto ao mais, este templo humilde é construção de fé e não de justas casuísticas. Jesus teve a preocupação de recomendar a seus discípulos que fugissem do fermento das discussões e das discórdias. Eis porque não será lícito perdermos tempo em contendas inuteis, quando o trabalho de Cristo reclama o nosso esforço.

— Sempre Cristo! sempre o impostor! — trovejou Saulo carrancudo. — Minha autoridade é insultada pelo vosso fanatismo, neste recinto de miséria e de ignorância. Mistificadores, rejeitais as possibilidades de esclarecimento que vos ofereço; galileus incultos, não quereis considerar o meu nobre cartél de desafio. Saberei vingar a Lei de Moisés sobre a qual se tripudia. Recusais a intimativa, mas não podereis fugir ao meu desforço. Aprendereis a amar a verdade e a honrar Jerusalém, renunciando ao nazareno insolente, que pagou na cruz os criminosos desvarios. Recorrerei ao Sinhédrio para vos julgar e punir. O Sinhédrio tem autoridade para desfazer vossas condenáveis alucinações.

Assim concluindo, parecia possesso de fúria. Mas, nem assim logrou perturbar o prégador, que lhe respondeu de animo sereno:

— Amigo, o Sinhédrio tem mil meios de me fazer chorar, mas não lhe reconheço poderes para obrigarme a renunciar ao amor de Jesus Cristo.

Dito isso, desceu da tribuna com a mesma humildade, sem se deixar empolgar pelo gesto de aprovação que lhe endereçavam os filhos do infortunio, que ali o ouviam como a um defensor de sagradas esperanças.

Alguns protestos isolados começaram de se ouvir. Fariseus irritados vociferavam insolencias e remoques. A massa agitava-se, prevendo atrito iminente; mas, antes que Estevam caminhasse dez passos para o interior junto dos companheiros e antes que Saulo o alcançasse com outras objeções pessoais e diretas, uma velhinha maltrapilha apresentou-lhe uma jóvem pobremente vestida e exclamou cheia de confiança:

— Senhor! sei que continuais a bondade e os feitos do profeta de Nazaré, que um dia me salvou da morte,

a-pesar-dos meus pecados e fraquezas. Atendei-me também, por piedade! Minha filha emudeceu ha mais de um ano. Trouxe-a de Malmanuta até aqui, vencendo enormes dificuldades, confiada na vossa assistencia fraternal!

O prégador refletiu, antes de tudo, no perigo de qualquer capricho pessoal da sua parte, e, desejoso de atender á supplicante, contemplou a doente com sincera simpatia e murmurou:

— De nós nada temos, mas é justo esperar de Cristo as dádivas que nos sejam necessárias. Ele que é justo e generoso, não te esquecerá na distribuição santificada da sua misericórdia.

E, como atuado por força estranha, acrescentava:

— Has-de falar para o louvor do bom Mestre!...

Então viu-se um fato singular, que impressionou de súbito a numerosa assembléia. Com um raio de infinita alegria nos olhos, a enferma falou:

— Louvarei a Cristo de toda minha alma, eternamente.

Ela e a progenitora, tomadas de forte comoção, caíram ali mesmo, de joelhos e beijaram-lhe as mãos; Estevam, entretanto, tinha agora os olhos mareados de pranto, profundamente sensibilizado. Era o primeiro a comover-se e admirar a proteção recebida, e não tinha outro meio a não ser o das lágrimas sinceras para traduzir a intensidade do seu reconhecimento.

Os fariseus que se aproximavam no intuito de comprometer a paz do recinto humilde, recuaram estupefatos. Os pobres e os aflitos, como se houvessem recebido um refôrço do céu para o exito da crença pura, encheram a sala de exclamações de sublime esperança.

Saulo observava a cena sem poder dissimular a propria ira. Se possivel, desejaria esfrangalhar Estevam em suas mãos. No entanto, a-pesar-do temperamento impulsivo, chegou á conclusão de que um ato agressivo levaria os amigos presentes a um conflito de sérias proporções. Refletiu, igualmente, que nem todos os adeptos do "Caminho" estavam, como o prégador, em con-

dições de circunscrever a luta ao plano das ilações de ordem espiritual, e, de certa maneira, não recusariam a luta física. De relance, notou que alguns estavam armados, que os anciãos traziam fortes cajados de arri-mo, que os aleijados exibiam rijas muletas. A luta corporal, naquele recinto de construção frágil, teria consequências lamentáveis. Procurou coordenar melhores raciocínios. Teria a Lei a seu favor. Poderia contar com o Sinhédrio. Os sacerdotes mais eminentes eram amigos devotados. Lutaria com Estevam até dobrar-lhe a resistencia moral. Se não conseguisse submetê-lo, odiá-lo-ia para sempre. Na satisfação dos seus caprichos, saberia remover todos os obstáculos.

Reconhecendo que Sadoc e mais dois companheiros iam desfechar o tumulto, gritou-lhes em voz grave e imperiosa:

— Vamo-nos! Os adeptos do “Caminho” pagarão muito caro a sua ousadia.

Nesse momento, quando todos os fariseus se dispunham a lhe atender a voz de comando, o moço de Tarso notou que Estevam se encaminhava para o inferior da casa, passando-lhe rente aos ombros. Saulo sentiu-se abalado em todas as fibrás do seu orgulho. Fixou-o, quasi com ódio, mas o prégador correspondeu-lhe com um olhar sereno e amistoso.

Tão logo se retirou o jóvem doutor da lei com os companheiros numerosos que não conseguiam disfarsar o seu despeito, os Apóstolos galileus passaram a considerar, com grande receio, as consequências que poderiam advir do episódio inesperado.

No dia seguinte, como de costume, Saulo de Tarso, á tardinha, entrava em casa de Zacarias, deixando transparecer na fisionomia a contrariedade que lhe ia no intimo. Depois de aliviar-se um tanto dos pensamentos sombrios que o atribulavam, graças ao carinho da noiva amada, por ela instado a dizer os motivos de tamanha preocupação, narrou-lhe os acontecimentos da véspera, acrescentando:

— Esse Estevam pagará carissimo a humilhação

que pretendeu infligir-me publicamente. Seus raciocínios sutis podem confundir os menos argutos e necessário é fazermos preponderar nossa autoridade em face dos que não têm competência para versar os princípios sagrados. Hoje mesmo conversei com alguns amigos relativamente ás providencias que nos cumpre tomar. Os mais tolerantes alegam o carater inofensivo dos galileus, pacíficos e caritativos, mas sou de opinião que uma ovelha má põe o rebanho a perder.

— Acompanho-te na defesa das nossas crenças — advertiu a moça satisfeita — não devemos abandonar nossa fé ao trato e ao sabor das interpretações individuais e incompetentes.

Depois de uma pausa:

— Ah! se Jeziél estivesse conosco, seria teu braço forte na exposição dos conhecimentos sagrados. Certamente, ele teria prazer em defender o Testamento contra qualquer expressão menos razoavel e fidedigna.

— Combateremos o inimigo que ameaça a genuinidade da revelação divina — exclamou Saulo — e não cederei terreno aos inovadores incultos e cavilosos.

— Esses homens são muitos? — perguntou Abigail apreensiva.

— Sim, e o que os torna mais perigosos é o mascararem as intenções com atos piedosos, por exaltar a imaginação versátil do povo com pretensos poderes misteriosos, naturalmente alimentados á custa de feitiçarias e sortilégios.

— Em qualquer hipótese — advertiu a jóvem depois de refletir um momento — convém proceder com serenidade e prudencia, para evitar os abusos da autoridade. Quem sabe são criaturas mais necessitadas de educação que de castigo?

— Sim, já pensei em tudo isso. Aliás, não pretendo incomodar os galileus simplórios e despretenhosos que se cercam, em Jerusalém, de inválidos e doentes, dando-nos a impressão de loucos pacíficos. Contudo, não posso deixar de reprimir o orador, cujos lábios, a meu ver, distilam poderoso veneno no espírito voluvel das massas, sem consciencia perfeita dos princípios esposados. Aos

primeiros importa esclarecer, mas o segundo precisa ser anulado, visto não se lhe conhecerem os fins, quicá criminosos e revolucionarios.

— Não tenho como desaprovar as tuas ilações — concluiu a jóvem, condescendente.

Em seguida, como de costume, palestraram sobre os sentimentos sagrados do coração, notando-se que o moço de Tarso encontrava singular encanto e caricioso bálsamo nas observações afetuosas da companheira querida.

Passados alguns dias, tomavam-se em Jerusalém providencias para que Estevam fôsse levado ao Sinhedrio e ali interrogado sobre a finalidade colimada com as prédicas do "Caminho".

Dada a intercessão conciliatoria de Gamaliél, o feito se resumiria a uma discussão em que o prégador das novas interpretações definisse perante o mais alto tribunal da raça os seus pontos de vista, a-fim-de que os sacerdotes, como juizes e defensores da lei, expusessem a verdade nos devidos termos.

O convite á requesta chegou á igreja humilde, mas Estevam esquivou-se, alegando que não seria razoavel disputar, em obediencia aos preceitos do Mestre, a-pesardos argumentos do filho de Alfeu, a quem intimidava a perspectiva de uma luta com as autoridades em evidencia, parecendo-lhe que a recusa chocaria a opinião pública. Saulo, a seu turno, não poderia obrigar o antagonista a corresponder ao desafio, mesmo porque, o Sinhedrio só poderia empregar meios compulsórios no caso de uma denúncia pública, depois da formação de um processo em que o denunciado fôsse reconhecido como blasfemo ou caluniador.

Ante a reiterada excusativa de Estevam, o doutor de Tarso exasperou-se. El depois de irritar a maioria dos companheiros contra o adversário, arquitetou vasto plano, de modo a força-lo á polêmica desejada, na qual buscaria humilha-lo diante de todos os maiores do judaismo dominador.

Depois de uma das sessões comuns do tribunal,

Saulo chamou um de seus amigos humildes e falou-lhe em voz baixa:

— Nehemias, nossa causa precisa de um cooperador decidido e lembrei-me de ti para a defesa dos nossos principios sagrados.

— De que se trata? — perguntou o outro com enigmático sorriso. — Mandai e estou pronto a obedecer.

— Já ouviste falar num falso taumaturgo chamado Estevam?

— Um dos tais homens detestaveis do "Caminho"? Já lhe ouvi a propria palavra e por sinal que reconheci nas suas idéias as de um verdadeiro alucinado.

— Ainda bem que o conheces de perto — replicou o jóvem doutor, satisfeito. Necessito de alguém que o denuncie como blasfemo á face da Lei e lembrei-me da tua cooperação neste sentido.

— Só isso? — interrogou o interpelado, astutamente. — E' cousa facil e agradavel. Pois não o ouvi dizer que o carpinteiro crucificado é o fundamente da verdade divina? Isso é mais que blasfemia. Trata-se de um revolucionario perigoso, que deve ser punido como caluniador de Moisés.

— Muito bem! — exclamou Saulo num largo sorriso. — Conto, pois, contigo.

No dia immediato, Nehemias compareceu ao Sinhedrio e denunciou o generoso prégador do Evangelho como blasfemo e caluniador, acrescentando criminosas observações de propria conta. Na peça acusatória, Estevam figurava como feiticeiro vulgar, mestre de preceitos subversivos em nome de um falso Messias que Jerusalém havia crucificado anos antes, mediante idénticas acusações. Nehemias inculcava-se como vítima da perigosa seita que lhe atingira e disturbara a propria família, e afirmava-se testemunha de baixos sortilégios por ele praticados, em prejuizo de outrem.

Saulo de Tarso anotou as mínimas declarações, acentuando os detalhes comprometedores.

A notícia estourou na igreja do "Caminho", produzindo efeitos singulares e dolorosos. Os menos resolutos, com Tiago á frente, deixaram-se empolgar por

considerações de toda a ordem, receosos de se verem perseguidos; mas Estevam, com Simão Pedro e João, mantinha-se absolutamente sereno, recebendo com bom animo a ordem de responder corajosamente ao libelo.

Cheio de esperança, rogava a Jesus não o desam-
evangelica.

E esperou o ensejo com fidelidade e alegria.

VI

ANTE O SINHÉDRIO

No dia fixado, o grande recinto do mais alto socialício israelita enchia-se de verdadeira multidão de crentes e curiosos, ávidos de assistir o primeiro embate entre os sacerdotes e os homens piedosos e estranhos, do "Caminho". A assembléia congregava o que Jerusaleém tinha de mais aristocrático e de mais culto. Os mendigos, porém, não tiveram acesso, embora se tratasse de um ato público.

O Sinhédrio exhibia seus personagens mais eminentes. De mistura com os sacerdotes e mestres de Israel, notava-se a presença das personalidades mais salientes do farisaísmo. Lá estavam representantes de todas as sinagogas.

Compreendendo a acuidade intelectual de Estevam, Saulo queria fornecer-lhe um confronto do cenáculo em que dominava o seu talento, com a igreja humilde dos adéptos do carpinteiro de Nazaré. No fundo, seu propósito radicava na jactanciosa demonstração de superioridade, afagando, ao mesmo tempo, a intima esperança de conquista-lo para as hostes do judaísmo. Preparara, por isso, a reunião com todos os requisitos de feição a impressionar-lhe os sentidos.

Estevam comparecia como um homem chamado a defender-se das acusações a ele imputadas, não como prisioneiro comum obrigado a acertar contas com a justiça. Examinando, pois, a situação, ele rogou com insistencia aos apóstolos galileus não o acompanhassem,